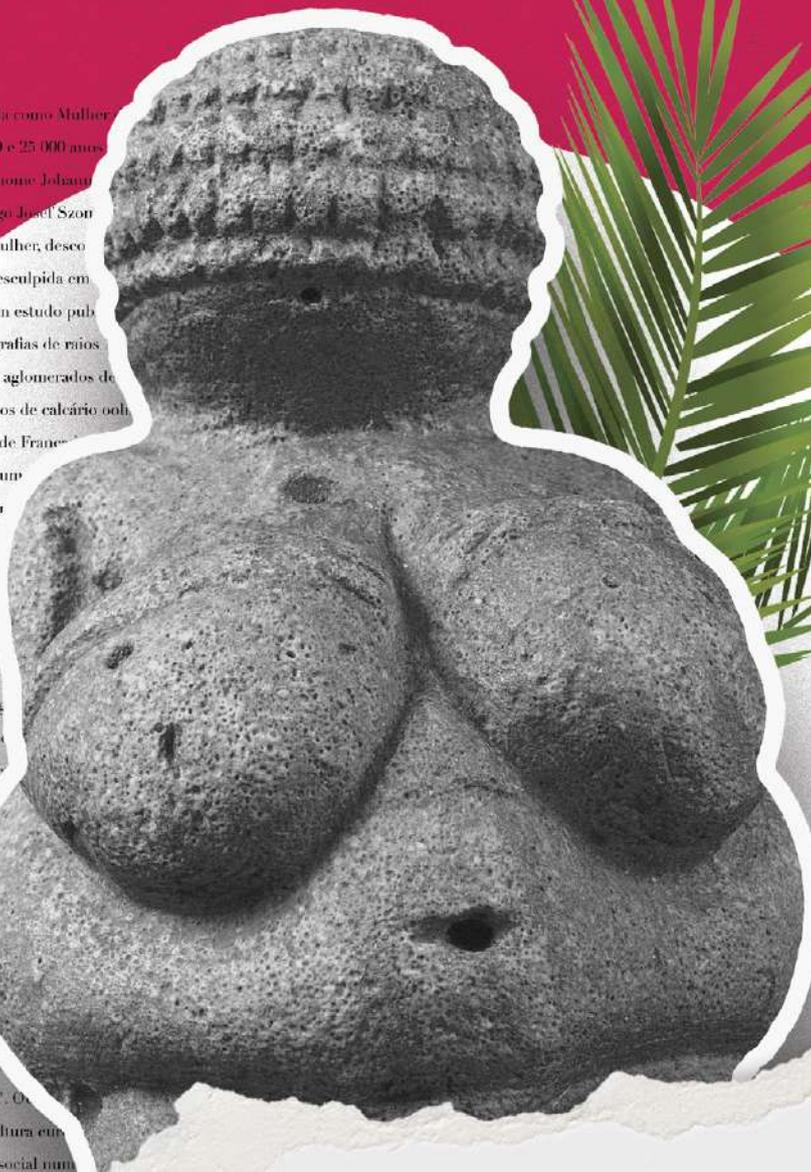


LINGUAGENS

COM

**FERNANDA
PESSOA**

Vênus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher de Willendorf, é uma Vênus estimada como esculpida entre 28 000 e 25 000 anos. Foi descoberta em 7 de Agosto de 1908 por um trabalhador de nome Johann Mandler, que trabalhava na equipe do arqueólogo Josef Szonits. A estatua tem uma altura representando estilisticamente uma mulher, desco-
sido perto de Willendorf, na Áustria. Foi esculpida em calcário, na região, e colorido com ocre vermelho. Num estudo publicado em 2010, investigadores examinaram através de tomografias de raios X as partículas dentro da estátua. Focaram-se nos aglomerados de calcário e comparando-as com aglomerados de depósitos de calcário oolítico encontrados em vários locais da Europa: desde França até à Espanha. O estudo, amostras de calcário de Saga de Ala, um "virtualmente indistinguíveis" do calcário Vénus, que é a matéria-prima vir do sul dos Alpes. Os seus estudos revelaram que a Vénus continha fragmentos de minúsculos fósseis pertencendo ao género *Oxytomidae*. Esta espécie viveu há 25 milhões de anos, quando o género agora extinto esta espécie continha igualmente fragmentos bivalves[5].
Em 1990, após uma revisão da análise estratigráfica, foi estimado que a Vénus de Willendorf foi esculpida há 22 000 ou 24 000 anos. Porém, o significado cultural, a Vénus não pretende ser uma representação feminina. A vulva, seios e barriga são extremamente exagerados, em relação forte com o conceito da fertilidade. Os braços dobram-se sobre os seios e não têm mãos. Algumas versões têm de tranças, um tipo de penteado ou não.
O apelido com que ficou conhecida é "Mulher de Willendorf". Não conseguem ver nesta figura com características femininas. Christopher Witcombe, professor na Swarthmore College, fez uma identificação irónica destas figuras com Vênus. "As Vênus, correntes, na época, sobre o que era na época, a Vénus, sobre as mulheres e sobre o sentido estético". O apelido "Mulher de Willendorf" é usado como a deusa Mãe-Terra (Grande Mãe) da cultura europeia. A competência representa um elevado estatuto social numa sociedade. A fertilidade, a imagem podia ser também...



QUINHENTISMO



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

QUINHENTISMO

NAVEGAR É PRECISO...

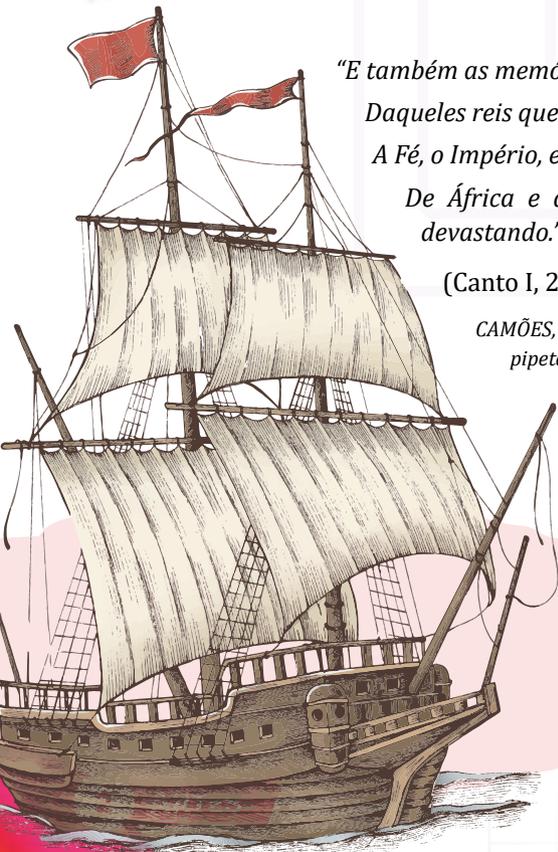
Na Europa, fervia o Renascimento, o comércio de especiarias e a crise da Catolicismo. A busca por matéria prima, fiéis, novos comércios, mão de obra... Tudo cooperava para a necessidade das expedições marítimas. A necessidade de se obterem mercados consumidores de manufaturados e de mercados fornecedores de matérias-primas obrigou os europeus a se aventurarem nas Grandes Navegações. Portugal foi o primeiro reino europeu a explorar o Oceano Atlântico na conjuntura expansionista do século XV.

Observe como Luís de Camões explicitou essas ideias (conquista política e comercial e dilatação do cristianismo) na sua epopeia – Os Lusíadas:

*“E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram
devastando.”*

(Canto I, 2.)

CAMÕES, Luís Vaz de. *Obra cum pipeta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 9.



Enquanto isso... Na Europa...

O contexto histórico do Quinhentismo é o início da colonização brasileira. As duas forças políticas que atuaram na dominação do território e dos nativos, o Estado português e a Igreja Católica, são perceptíveis a partir das produções literárias do período.

Tanto por meio das descrições de Pero Vaz de Caminha quanto por meio das peças e poemas do Padre José de Anchieta, é possível perceber traços do momento histórico que o país passava.

1501 - Da Vinci pinta a Mona Lisa.



1503-1506



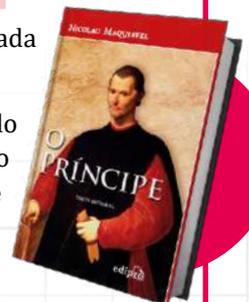
1508 - Michelangelo começa a pintar o teto da capela sistina.



1513/1532 - O Príncipe - Maquiavel

Foi escrita em 1513, mas só foi publicada em 1532.

A repercussão da obra ocorreu devido ao papel fundamental na construção do conceito de Estado. O Príncipe é um tratado político que serviu como base para modelar a estrutura governamental dos tempos modernos.



NO BRASIL: DESCOBRIMENTO, CHEGADA OU INVASÃO?



As primeiras letras

Início: 1500 - “Carta de Achamento do Brasil”, de Pero Vaz de Caminha.

Término: 1601- “Prosopopeia”, de Bento Teixeira.

Difícil imaginar o impacto e o significado da “descoberta de um Novo Mundo”. Novo, porque ausente dos mapas europeus; novo, porque repleto de plantas e animais desconhecidos; novo, porque povoado por homens estranhos, que praticavam a poligamia, andavam nus e tinham por costume fazer a guerra e comer uns aos outros. Eram canibais, cheios de curiosidade, exotismo e imaginação (Lilia Schwarcz - Doutora em Antropologia pela USP).

Fonte: SCHWARCZ, Lilia. Brasil: Uma biografia.

O Quinhentismo foi o conjunto de produções literárias produzidas no Brasil no século XVI. Nesse período os países europeus, entre eles Portugal, iniciaram a busca de trocas comerciais lucrativas, exploração de pedras preciosas e matéria-prima, além da difusão do Cristianismo na expansão marítima europeia. E foram nessas viagens marítimas em busca de novos territórios que as embarcações portuguesas avistaram o Monte Pascal.

Então, nessas embarcações estavam aqueles que deram início às relações de colonização de exploração nas novas terras descobertas e aqueles que escreveram relatos de tudo o que foi visto e encontrado. Desse modo, na época do descobrimento do Brasil os registros escritos sobre os índios brasileiros, a fauna e a flora, bem como as características da região, eram chamados de literatura quinhentista.

O nome Quinhentismo faz referência justamente ao ano do descobrimento - 1500.

E nesse momento do colonialismo não existia uma literatura nacional, uma vez que os relatos da literatura quinhentista eram sob a ótica dos portugueses e não de escritores nascidos na própria pátria. A concepção de identidade e a literatura brasileira só foram construídas séculos depois da colonização portuguesa.



ASSIM, PODEMOS DIVIDIR A LITERATURA NO BRASIL EM:

1. Era Colonial (Quinhentismo, Barroco e Arcadismo) e
2. Era Nacional (Romantismo, Realismo, Simbolismo, Modernismo e Pós-Modernismo).

Essas épocas acompanham a evolução política e econômica do país. Em resumo:

“Quinhentismo”, na realidade, denomina genericamente as **manifestações literárias** ocorridas no Brasil durante o século XVI;

Essas correspondem à **introdução da cultura europeia** em terras brasileiras;

Ainda **não podemos falar em literatura do Brasil**, ou seja, aquela que reflete a visão do homem brasileiro;

Fala-se em literatura **no Brasil**, uma literatura **ligada** ao Brasil, mas que passa a visão, as ambições e as intenções do homem europeu;

Temos, então, como principais manifestações literárias no século XVI:

1. Uma literatura informativa;
2. Uma literatura dos jesuítas.





Fique por dentro!

Essa construção imaginativa sobre a figura dos povos indígenas na construção da identidade nacional, por muito tempo, foi reforçada pela literatura brasileira.



Enquanto na Europa os heróis nacionais eram os cavaleiros medievais, no Brasil, como não houve Idade Média, os índios eram os heróis. O indígena, no Romantismo, era sempre descrito como um forte guerreiro. José de Alencar foi um dos principais autores indianistas e suas obras servem como um bom exemplo de como os autores desse período enxergavam os índios.

A IDEOLOGIA NAS PALAVRAS:

Na verdade, o “descobrimento” pode ser considerado como um genocídio.



O tratamento violento dos colonizadores e as doenças trazidas pelos europeus causaram a morte de muitos indígenas. Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), a população indígena em 1500 era de aproximadamente 3 milhões de habitantes, sendo que aproximadamente 2 milhões estavam estabelecidos no litoral do país e 1 milhão no interior. Em 1650, esse número já havia caído para 700 mil indígenas e, em 1957, chegou a 70 mil, o número mais baixo registrado. De lá para cá, a população indígena começou a crescer.

De acordo com o último censo demográfico, realizado em 2010 pelo IBGE, o Brasil tem 896,9 mil indígenas. Isso significa que o número de indígenas no país em 2010 representava 29,9% do número estimado para 1500, quando começou a colonização. Ao todo, ainda existem 305 etnias, que falam 274 línguas.

Direitos vieram só em 1988

A Constituição de 1988 pode ser considerada um marco na conquista e garantia de direitos para os indígenas no Brasil. Enquanto o Estatuto do Índio (Lei 6.001), promulgado em 1973, previa prioritariamente que as populações deveriam ser “integradas” ao restante da sociedade, a Constituição de 1988 passou a garantir o respeito e a proteção à cultura das populações originárias.

No texto constitucional, os direitos dos indígenas sobre suas terras são definidos como “direitos originários”, isto é, anteriores à criação do próprio Estado e que levam em conta o histórico de dominação da época da colonização.

Violações recentes contra indígenas

Mesmo com os direitos garantidos na Constituição, os indígenas brasileiros continuam sofrendo. Entre agosto de 2018 e julho de 2019, os territórios indígenas brasileiros tiveram 423,3 km² desmatados. Isso representa um crescimento de 74% em relação ao período de agosto de 2017 a julho de 2018, quando foram desmatados 242,5 km². A terra mais afetada fica no Pará e abriga um povo isolado. A violência contra povos isolados, inclusive, foi destacada, recentemente, no relatório ‘Ameaças e violação de direitos humanos no Brasil: povos indígenas isolados’, elaborado pelo Instituto Socioambiental (ISA), a Comissão Arns e a Conectas Direitos Humanos, e direcionado para o Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações (UNHRC).



LITERATURA INFORMATIVA

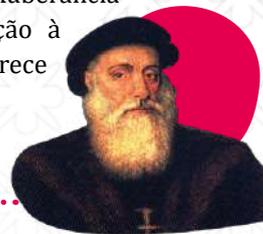
Diversos europeus estiveram no Brasil no século XVI, por obrigação profissional ou por motivos pessoais. Eles registraram a nova terra em **relatos, cartas e crônicas**. Esses documentos possuíam caráter descritivo e superlativo.

Nesse contexto, a *Carta de Caminha* inaugura o que se convencionou chamar de Literatura Informativa sobre o Brasil. Este tipo de literatura, também conhecido como literatura dos viajantes ou literatura dos cronistas, como consequência das Grandes Navegações, empenha-se em fazer um levantamento da “terra nova”, de sua floresta e

fauna, de seus habitantes e costumes, que se apresentaram muito diferentes dos europeus.

Daí ser uma literatura meramente descritiva e, como tal, sem grande valor literário. A principal característica da carta é a exaltação da terra, resultante do assombro do europeu diante do exotismo e da exuberância de um mundo tropical. Com relação à linguagem, o louvor à terra transparece no uso exagerado de adjetivos.

Você conhece a Carta de **Pero Vaz de Caminha**? Leia, a seguir, alguns fragmentos.



Carta a el-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil

Senhor, posto que o **capitão-mor** desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta Vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha **conta**. (...)

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até terça-feira d' **oitavas de Páscoa**, que foram 21 dias d'Abril, que topamos alguns sinais de terra (...) E à quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves, a que chamam fura-buchos. Neste mesmo dia, a **horas de véspera**, houvemos vista de terra, isto é, primeiramente d'um grande monte, mui alto e redondo, e d'outras serras mais baixas ao sul dele e de terra **chã** com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs o nome o Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz. (...)

E dali houvemos vista d'homens, que andavam pela praia, de 7 ou 8, segundo os navios pequenos disseram, por chegaram primeiro. (...) A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir nem mostrar suas **vergonhas**. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto. (...)

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas e tão **çarradinhas** e tão limpas das cabeleiras que de as nós muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha. (...)

E uma daquelas moças era toda **tinta**, de fundo a cima, daquela tintura, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. (...)

O capitão, quando eles vieram, estava assentado em uma cadeira e uma **alcatifa** aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar d'ouro mui grande ao pescoço. (...) Um deles, porém, pôs olho no colar do capitão e começou d'acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizia que havia em terra ouro. E também viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia também prata. (...)

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (...)

capitão-mor: trata-se de Pedro Álvares Cabral.

conta: relato.

oitavas de Páscoa: semana que vai desde o domingo de Páscoa até o domingo seguinte.

horas de véspera: final da tarde.

chã: plana.

cousa: coisa.

vergonhas: órgãos sexuais.

çarradinhas: alguns historiadores consideram “saradinhas”, isto é, sem doenças, e outros consideram “cerradinhas”, isto é, densas.

tinta: tingida.

alcatifa: tapete, que cobre ou se estende.

Entre-Douro-e-Minho: antiga província de Portugal.

Para o leitor de hoje, a literatura informativa satisfaz a curiosidade a respeito do Brasil nos seus primeiros anos de vida, oferecendo o encanto das narrativas de viagem. Para os historiadores, os textos são fontes obrigatórias de pesquisa. Mais adiante, com o movimento modernista, esses textos foram retomados pelos escritores brasileiros, como **Oswald de Andrade**, como forma de denúncia da exploração a que o país sofrera desde então.

As navegações permitiram não só que as áreas de comércio se expandissem, mas também que ajudassem a difundir a fé católica. Como reação à Contrarreforma, a busca de novos povos para catequizar era uma forma de reforçar o poder da Igreja e “salvar” os gentios. Essas eram as justificativas para a imposição cultural aos indígenas.



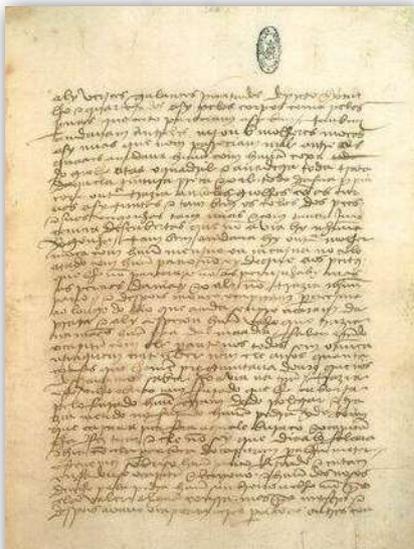
“Retrato de Oswald de Andrade”, de Tarsila do Amaral (1923)

Nela, pode-se encontrar:

- Relatos sobre a **paisagem local**;
- Relatos sobre os **indígenas e o clima**, etc.;
- Relatos que exaltavam o Brasil para atender às expectativas do rei quanto à busca de **metais preciosos, mercados consumidores e produtores de matéria-prima**.

Pero Vaz de Caminha: escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral.

- Foi contratado para fazer a viagem junto com os **desbravadores**.
- Escreveu a carta entre 26 de abril e 1º de maio de 1500.
- Relatava o que acontecia com a embarcação: **novas terras, doenças, problemas em alto-mar** etc.
- **Propósito dos relatos:** garantir que a coroa portuguesa tivesse relatos precisos sobre as riquezas comerciais e os interesses religiosos. Isto é, o que havia na terra, quem habitava o local, quais os seus costumes, qual o clima, a vegetação e os alimentos locais.
- Há a narrativa dos dias em que a esquadra passou na costa brasileira, com relatos sobre tudo o que foi observado pelo autor da carta (costumes dos índios, características da flora e fauna e a **primeira missa** rezada em solo brasileiro).



A carta de Pero Vaz de Caminha é uma crônica histórica. (Foto: Wikimedia Commons)



“Primeira Missa no Brasil”, de Victor Meirelles (1860)



Dica

Quer ter acesso a um resumo da “Carta de Achamento” para a sua redação? Então, confere o material que preparamos para você:



Hans Staden



O alemão Hans Staden engajou-se num navio mercante que saía de Portugal e veio para o Brasil. Após 16 meses de viagem, voltou para Lisboa, retornando ao Brasil somente em 1550, no navio espanhol São Miguel, que possuía liberação de Portugal para navegar e comercializar na nova terra.

Sobre essas duas viagens, **escreveu um relato** que ficou conhecido no Brasil como “**Duas viagens ao Brasil**”. Ilustrado com xilogravuras do próprio autor, o livro ganhou sucessivas edições e foi **sucesso editorial** na Europa. No livro, Staden relata o período em que foi **prisioneiro da tribo Tupinambá**, narrando o contato que fez com os indígenas.



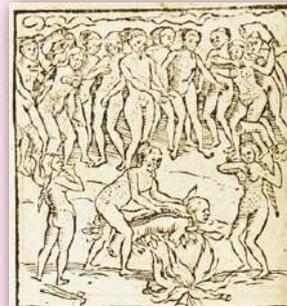
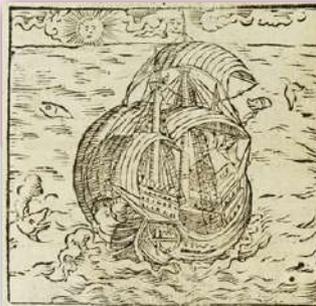
Staden encontra o chefe Cunhambebe. Ilustração do livro

Aprisionado, relata que correu o risco de ser devorado em um ritual antropofágico. São relevantes também as informações sobre a implantação dos primeiros núcleos europeus que se instalaram no Brasil. Também interessam os relatos de contatos culturais mais duradouros, as histórias de naufrágios, o fascínio pela paisagem e a perplexidade diante dos indígenas.



Duas viagens ao Brasil: Página de rosto da primeira edição, 1557. Acervo da Brasileira.

Xilogravuras de Hans Staden

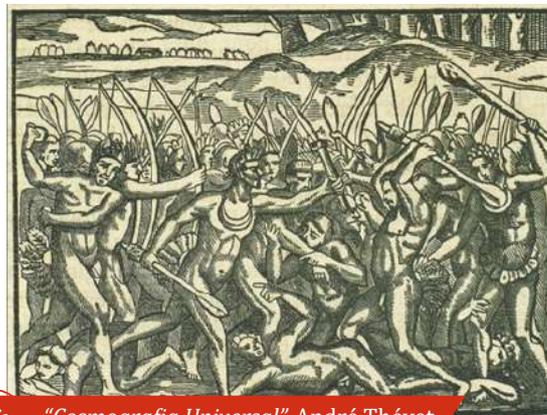


Staden ainda corroborou com a formação de uma imagem **selvagem** acerca do “Novo Mundo”.



“Cosmografia Universal”, André Thévet (Xilogravura / 1575a)

Essas imagens, ainda que paradoxais, demonstram a visão do mundo ocidental sobre o novo território.



“Cosmografia Universal”, André Thévet (Xilogravura / 1575b)

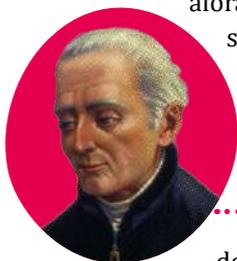
Há **duas** construções simbólicas nos relatos do alemão sobre o Brasil. São concepções até hoje muito difundidas:

1. A visão do Brasil como um local de **exuberante** paisagem natural, isto é, um *paraíso*;
2. A visão do exotismo inquietante do país, que causa o estranhamento diante do outro. Essa imagem simboliza um inferno que é retratado nas diversas pinturas dessa época.

LITERATURA JESUÍTICA

Depois da chegada dos primeiros colonizadores os próximos viajantes que atravessaram o Oceano Atlântico foram os **padres jesuítas**. Os padres chegaram em 1549 na chamada Campanha de Jesus, com o objetivo de catequizar os indígenas e os filhos dos colonizadores que moravam ou já nasciam na colônia brasileira.

Para isso, os religiosos utilizavam e produziam textos mais elaborados que as crônicas históricas para difundir o Cristianismo. Muitos desses textos eram fundamentados no movimento da Contrarreforma da Igreja Católica, que objetivava a conquista e reconquista de fiéis pelo mundo afora. Entre os pregadores católicos destaca-se o padre José de Anchieta, que produziu grande acervo da Literatura jesuítica, como sermões, poemas autos e cartas.



De todos os missionários que passaram por aqui, destaca-se **José de Anchieta** (1534-1597), como figura quase heroica desse período, pois dirimiu conflitos entre portugueses e indígenas, além de ter escrito a primeira gramática tupi-guarani.



O fundador de São Paulo chegou ao Brasil em 1553 com o segundo governador-geral, D. Duarte da Costa. Foi uma das figuras mais importantes do século XVI pela relevância literária de sua obra e por ter sido o primeiro a escrever para brasileiros.

Sempre com intenção pedagógica, produziu **sermões**, autos (de inspiração medieval, seguindo o modelo de Gil Vicente) e **poemas** simples e ingênuos, mas cheios de lirismo. Dentre eles destaca-se “De Beata Virgine Dei Matre Maria” (“Poema à Virgem”).

Devido à intenção didática de seus textos, usa linguagem de fácil assimilação e imagens claras. Anchieta escreveu em latim, tupi e português. José de Anchieta teve grande liderança espiritual em seu tempo e é chamado de “Apóstolo do Brasil”.

Observe, neste fragmento, como as redondilhas menores e as rimas (sem esquema rígido) dão ao texto um ritmo que facilita a memorização, enfatizando sua função pedagógica.

*A Santa Inês
Cordeirinha linda,
como folga o povo
porque vossa vinda
lhe dá lume novo!*

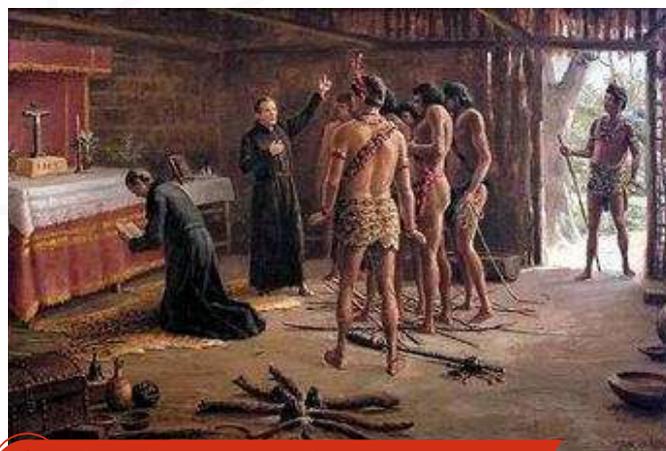
*Cordeirinha santa,
de Jesus querida
vossa santa vinda
o diabo espanta.*

*Por isso vos canta
com prazer, o povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume novo.*



“Santa Inês”, de Domenichino Zampieri (1581).

A literatura jesuítica se caracteriza, então, pela produção da poesia de devoção e pelo teatro de caráter pedagógico, inspirado em passagens bíblicas. Além desses gêneros, encontram-se documentos que informavam a superiores da Europa sobre o andamento dos trabalhos na Colônia.



Os padres jesuítas utilizavam a Literatura jesuítica para fins religiosos. (Foto: Wikipédia)

Leia a seguir a cena do segundo ato da peça teatral “Auto de São Lourenço” de José de Anchieta e preste atenção nas palavras negritadas:

GUAIXARÁ

*Esta virtude estrangeira
Me irrita sobremaneira.
Quem a teria trazido,
com seus hábitos polidos
estragando a terra inteira?*

*Só eu
permaneço nesta **aldeia**
como **chefe** guardião.
Minha lei é a inspiração
que lhe dou, daqui vou longe
visitar outro torrão.*

*Quem é forte como eu?
Como eu, conceituado?
Sou **diabo** bem assado.
A fama me precedeu;
Guaixará sou chamado.*

*Meu sistema é o bem viver.
Que não seja constrangido
o prazer, nem abolido.
Quero as tabas acender
com meu **fogo** preferido*

*Boa medida é beber
cauim até vomitar.
Isto é jeito de gozar
a vida, e se recomenda
a quem queira aproveitar.*

Observe que foi utilizado elemento da cultura indígena, nesse caso a “aldeia”, para interagir, ensinar e doutrinar os índios. E ainda conceitos do Catolicismo, como a ideia de “diabo”.

Na literatura jesuítica ainda teve destaque o fundador do Colégio São Paulo, na aldeia de Piratininga, em 1553, padre **Manuel da Nóbrega**. Ele buscou a catequização dos indígenas e se preocupou em “civilizar”, com base nos preceitos europeus cristãos, a sociedade que começava a se formar em nosso país. As **missivas** de Manuel da Nóbrega são tão cativantes e ricas que podem ser enquadradas também na Literatura Jesuítica

Suas obras foram:

- Diálogo sobre a conversão do gentio;
- Informação das coisas da terra e necessidade que há para se proceder nela;
- Cartas do Brasil;
- Tratado contra a Antropofagia e contra os Cristãos Seculares e Eclesiásticos que a Fomentam e a Consentem;
- Caso de Consciência para a Liberdade dos Índios.

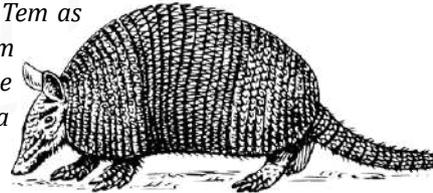
Pero de Magalhães Gândavo

Escreveu “O Tratado da terra do Brasil” por volta de 1570.

Revelou o olhar deslumbrado do europeu diante da exuberante flora e fauna brasileiras. É curioso observar as descrições que ele fez dos animais, hoje facilmente reconhecíveis, mas que, na época, pareciam verdadeiros monstros.



Chamam-lhe tatus, e são quase tamanhos como Leitões: têm um casco como de cágado, o qual é repartido em muitas juntas como lâminas, e proporcionado de maneira, que parece totalmente um cavalo armado. Tem um rabo comprido todo coberto do mesmo casco: o focinho é como de leitão, ainda que mais delgado algum tanto, e não bota mais fora do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas, e criam-se em covas como coelhos. A carne destes animais é a melhor e a mais estimada que há nesta terra, e tem o sabor quase como de galinha.



- As analogias excessivas de Gândavo confundem o leitor, de modo que este acaba entendendo que se trata de um pequeno monstro.
- Sua análise sobre o índio e a sociedade em que vive é igualmente pitoresca, deixando claro o choque cultural estabelecido entre portugueses e índios brasileiros.
- Gândavo elabora ainda um importante testemunho acerca das particularidades da terra e da “conquista” desta pelos portugueses, visando à perpetuação do legado marítimo lusitano.

Essa defesa dos ideais portugueses gerava uma boa aceitação de seus textos pela monarquia e ajudava a criar uma imagem positiva da nova terra na Europa.

Outros cronistas ficaram conhecidos por escrever nesse período, a saber:

- Pero Lopes de Sousa (Diário de Navegação);
- Manuel da Nóbrega (Carta e diálogo sobre a conversão do gentio);
- Fernão Cardim (Tratados da terra e gente do Brasil);
- Gabriel Soares de Sousa (Tratado descritivo do Brasil).



Fique por dentro!

QUEM DESCOBRIU A HISTÓRIA DO BRASIL?

A partir de 1831, quando começou o **Segundo Reinado** no Brasil, com **Pedro II**, uma verdadeira “arquitetura da nação” começou a ser cuidadosamente pensada e executada, sobretudo por grandes personalidades do meio político e intelectual que circundavam a figura do jovem imperador. Um desses grandes intelectuais foi José Bonifácio de Andrada e Silva, um dos responsáveis pela política de integração e solidificação do Estado Nacional Brasileiro. Foi nesse contexto que nasceu o **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, conhecido pela sigla **IHGB**.

O **IHGB** foi criado em 1838 a partir de sugestão do cônego **Januário da Cunha Barbosa** e do marechal **Raimundo José da Cunha Matos**. A inspiração dos idealizadores desse instituto era eminentemente europeia, sobretudo francesa. O IHGB teria por principal função promover agendas de investigação e produção de relatórios científicos sobre as diversas regiões que integravam a nação, visando assim a uma maior compreensão da complexidade brasileira e à produção de uma **identidade** cultural, social e política. Tais relatórios passaram a ser publicados na revista trimestral do instituto.

Nesse sentido, tornava-se indispensável para o IHGB a responsabilidade de pensar e elaborar um projeto de “como escrever a história do Brasil”, isto é, era necessário criar um modelo de representação da identidade brasileira por meio de recursos historiográficos, por meio de conceitos que dessem conta da formação da nação, das raças que a compuseram, dos fatores geográficos, climáticos e econômicos que a engendraram, entre outros aspectos. Essa “história do Brasil” pensada pelo instituto seria direcionada à compreensão da população como um todo.

Como destacou o historiador Antônio A. Dihel: “O IHGB, pela produção do conhecimento historiográfico, buscou, em primeiro lugar, o esclarecimento dos que ocupavam o topo da pirâmide social, os quais, por sua vez, trariam o esclarecimento ao restante da sociedade, tendo sido esse, basicamente, o ponto central no qual residiu o pensar a nação brasileira.” (Dihel, Antônio Astor. A cultura historiográfica: do IHGB aos anos 1930. Passo Fundo: Ediupf, 1998. p. 25)

Para tanto, o IHGB elaborou, em 1846, um concurso aberto a intelectuais que se dispusessem a elaborar um manual sobre como escrever a história do Brasil. O vencedor desse concurso foi um pesquisador e viajante alemão chamado **Carl Von Martius**. Foi com Martius que nasceu o modelo de história do Brasil que levava em conta os elementos harmônicos das três raças (índios nativos, brancos europeus e negros africanos) e a influência da extensão territorial na composição da nação brasileira. O modelo de Von Martius inspirou várias gerações de historiadores e literatos a pensar a história do Brasil.

Ainda hoje o IHGB segue com suas atividades, que se adaptaram à realidade atual do Brasil. Seus princípios, entretanto, continuam os mesmos: “coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a História e a Geografia do Brasil”.





Estamos juntos nessa!

